

Entrevista

CLÉLIA PISA

Raffaella Andréa Fernandez*

Raffaella Fernandez: Parece-me que a senhora e a Lapouge receberam dois cadernos de Carolina de Jesus, é isso mesmo?

Clélia Pisa: Sim.

RF: Segundo informações obtidas, via Instituto Moreira Salles, o primeiro caderno possui alguns poemas; entre os títulos, estão: “No Brasil”, “Súplica do encarcerado”, “Marginal”. . No segundo, lemos o título “Um Brasil para brasileiros”. Ele possui alguns contos e poesias. E este seria o título original do livro **Journal de Bitita** está correto?

CP: Não, não se pode dizer que o livro tem esse nome. Não é igual. Tem menos coisas do que tem aqui (aponta para xerox dos datiloscritos). Como eu disse para você, não pense que está falando, por exemplo, da Clarice Lispector. Você não pode falar da Carolina como você fala de uma versão primeira, segunda ou terceira da Carolina. Carolina, não é a mesma coisa. Não é uma escritora em um sentido de trabalho, em um sentido que se fazem nas universidades. Normalmente, as pesquisas sobre um escritor sempre procuram a primeira

versão, segunda versão, a terceira versão, e as modificações que foram feitas. Se, ao pesquisar Carolina, você parte por este caminho, você erra e erra muito porque Carolina era outra coisa. E Carolina, quando nós a conhecemos, ela já era uma senhora cansada que estava mais ou menos presente ali. Ela não estava... Como todo mundo velho hoje, como eu sou hoje, esquece, esquece... não lembra, essas coisas assim e com um desacerto absoluto quanto ao tempo. O Tempo não era o meu tempo o seu tempo de menina, moça de trinta anos talvez.... Por isso procurar a versão disso (segura **Journal de Bitita** nas mãos) não tem sentido. Não tem sentido nenhum, não tem sentido, mesmo se aqui estivesse a integralidade do texto. Porque eu vi o fato de ter tido em minhas mãos durante anos os textos da Carolina. Eu li. Eu vi como é feito. Eu vi como estava escrito. Nós vimos o que ela nos disse. Eu vi como estava vivo o que ela nos disse dentro da casa que era dela, o abandono dessa mulher que tinha sido uma grande vedete. Tudo isso conta. Ela teve tudo e perdeu tudo. Eu tive a impressão de que quando nós a encontramos ela estava totalmente

* Entrevista realizada com Clélia Pisa, Paris, novembro de 2013.

abandonada pela família, inclusive. Agora falar de filho de Carolina? Eu não quero saber... Quero dizer, nunca me passou pela cabeça entregar esse texto para a família da Carolina. Por isso está num lugar muito guardado, no lugar mais certo para guardar a memória negra ou a memória do Brasil. Negra, mulata ou branca, a memória. Coisa que o brasileiro não respeita. Então como te disse, não procure entender a Carolina seguindo o que teoricamente se faz com um autor, cuja profissão é escrever. A profissão de Carolina era viver. E naquela vida terrível difícil e horrível, ela conseguiu escrever e muito bem. Quero dizer, quando nós fizemos o **Journal de Bitita** nós conseguimos que a segunda parte da vida da Carolina também existisse, além do **Quarto de Despejo** que foi aquele sucesso, mas aquilo pertenceu a um passado encerrado e morto. Então eu acho que, de fato, é muito importante você deixar de lado as teorias tais quais elas são mostradas, ditas, ensinadas pelos professores de uma Universidade ou de outra, tirar a Universidade, pois ela não entendeu a Carolina naquela época. Tem que esquecer tudo o que você sabe para entender a Carolina. E precisa ter acesso aos manuscritos da Carolina.

RF: Bom, na Biblioteca Nacional nós temos acesso a cadernos microfilmados, dos quais os originais encontram-se no Arquivo Municipal da cidade de Sacramento e mais onze cadernos que

foram doados por Audálio Dantas que serviram de base para a edição de **Quarto de Despejo**. Dentre o material até o momento pesquisado, trabalho com o que Carolina de Jesus considerava ser seus contos, o que não condiz com a estrutura de todas as narrativas, pois sua literatura é híbrida, mescla diversos gêneros e temas, de modo que a própria obra não nos permite uma entrada analítica a partir dos parâmetros de julgamento do que é ou não canônico. Agora, o que me interessa em relação à preparação de **Journal de Bitita** por exemplo, é o fato de um mesmo texto nele contido, como “L’écôle”, possuir diversas versões.

CP: Ah bon! Verdade?

RF: Sim e uma dessas versões está em um desses cadernos que a senhora entregou para o Instituto Moreira Salles. Este é apenas um exemplo de que Carolina de Jesus não encerra sua escrita no limite confessional de suas adversidades. Existe um processo criativo dessa poética de resíduos criada por essa autora. Talvez não baseado em estruturas “cartesianas” como postula a crítica à caça do que poderá representar melhor o eruditismo brasileiro. Carolina tem uma maneira quase orgânica de inventar sua literatura, ainda a ser descoberta. Não é à toa que vemos tantas versões de textos passados a limpo, repensados, com algumas rasuras, acréscimos, supressões, ou seja, diversas modificações da forma e do próprio conteúdo.

CP: Por que será que o texto “Escola” importa? Por que será que há tantas versões desse texto? Eu acho interessante que seja esse ponto, a escola, tudo o que separa a Carolina dos outros brasileiros ditos escritores influentes é a escola.

RF: O aprendizado é a temática fundamental em **Journal de Bitita**. Fico me perguntado se esta teria sido a determinação estabelecida pelo recorte. Ainda que seja evidente a importância que Carolina de Jesus atribuía ao ato de ler e escrever, sobretudo, em seu primeiro contato com a escrita, em sua vida de Bitita.

CP: Eu li tudo. Tiramos o que tiramos e o que podíamos tirar. Teve que ser traduzido, e, o importante no **Journal de Bitita** é que fosse um testemunho que pudesse ser lido por um francês que não tivesse nenhuma referência da Carolina. Porque este livro não é o original.

RF: Por exemplo, “bate fundo” ‘negro tu, turu tutu, surucucu sim senhor?’

CP: É! Tem uma coisa ligada às referências literárias dela. Que eu brasileira, eu achei graça na época. Me perguntei que raio de gente ela lia ou via? Porque eu não tenho nem certeza de que ela tivesse lido o que ela tanto fala, mas ela viu!

RF: Como o Jorge Amado que ela teve contato, chegou até ir a casa na Bahia, mas segundo Vera Eunice ele não recebeu sua mãe, embora tivesse feito o convite em público em uma ocasião em

que os dois lançavam seus livros juntos.

CP: Isso com ela, que era famosa, mas o que você não pode esquecer é o que ela é. O que eu queria é que nós achássemos a Carolina de antes de **Quarto de despejo**, compreendeu? Queríamos achar uma Carolina que precedeu as outras. É que tem duas Carolinas nessa história, a primeira, a segunda também é verdadeira. Se a gente pudesse ter acesso a essa Carolina de antes. Porque você imagina como deve ter sido ela antes da fama?

RF: Dentro dos vários cadernos que tive a felicidade de ler, tive a oportunidade de acompanhar um pouco do que e como ela lia. Ela comenta que leu, por exemplo, o conto “O colar” de Maupassant, Victor Hugo, Allan Poe, Chessman, etc. Uma série de referências que de um modo ou de outro convergem para a obra dela.

CP: Você poderia publicar isso?

RF: Estou escrevendo sobre isso na tese, artigos e espero que um dia sejam publicadas as obras completas de Carolina de Jesus, antes que o tempo corra suas palavras, pois como a senhora mesmo pontua, existem muitas falhas na preservação da memória cultural brasileira, sobretudo dessa história tida como “menor”. A maior parte dos manuscritos da autora encontra-se em péssimas condições devido a diversas questões estruturais e culturais que ultrapassam as instituições que tentam,

a duras penas, guardar esses materiais. Uma pena!

CP: Por isso nós não temos acesso. Nós não chegamos até Carolina por várias razões.

RF: Como se deu o estabelecimento de **Journal de Bitita**?

CP: As vezes tenho dúvidas, porque traduzi muitos livros que saíram e foram produzidos. Eu fico meio na dúvida quais livros eu fiz... Mas nesse caso, fui eu que propus para Anne-Marie Métaillié, eu a escolhi para filtrar. Às vezes você está dentro demais da coisa e não consegue ter esse olhar, saber o que pode interessar a um francês.

RF: Esse livro foi traduzido no Brasil, em 1984, pela Nova Fronteira, de modo que a versão a que temos acesso é a tradução francesa. Até então desconhecemos uma versão mais próxima do texto estabelecido pela própria autora.

CP: A linguagem original aqui (aponta para os datiloscritos) é minha. Foi a escolha de um texto que eu possuía. Porque Carolina tem duas mulheres.

RF: Penso que a linguagem original seja a linguagem da própria Carolina. Porque a tradução transforma a escrita e até algumas passagens. Na tradução, a linguagem é rebuscada se compararmos com a escrita de **Quarto de despejo**. Quem traduziu foi Régine Valbet, seria possível encontrá-la ou a Violante do Canto que trabalhou nas traduções de **Le dépotoir** em 1962 e **Ma vrai maison**, em

1964, ambos pela Stock?

CP: Já morreu (referindo-se a Régine Valbert). A Violante era uma senhora quando começou a fazer a primeira tradução. Ela é dez anos mais velha que nós. É uma senhora centenária na melhor das hipóteses.

RF: Quando vocês chegaram à casa da Carolina de Jesus, vocês viram os livros que ela lia? O espaço em que ela escrevia?

CP: Tinha muita pobreza. Terra. Uma casinha. Era falta de dinheiro absoluto. Era vazio, muito vazio, poucos móveis, quase nada, um banco, nós sentamos. Ela estava fora, capinando. Eu sou brasileira, eu não sou a francesa que chega e vê a pobreza. Tá certo que não nasci pobre, mas era uma casa de pobre, sem muita coisa.

RF: Como foi a recepção?

CP: Ela foi muito simpática. Agora, a impressão que a gente tinha é que ela odiava o mundo inteiro. É um pouco a ordem natural das coisas de quem já levou muita bofetada. Engraçado, tenho a impressão de que ela estava com problemas com os filhos.

Tinha uns livros... Nostradamus ... tinha alguma coisa desse tipo. Cadernos de empório com linha, cadernos simples que vende em empório. Tinha diversos cadernos simples. Ela entregou os cadernos. Ela queria ser lida de qualquer jeito, por isso ela me entregou os cadernos dela. O Brasil não tem respeito pela memória. Não foi a primeira escritora

que me deu um original, só porque a gente se interessa. Esse é um problema, não diga que os velhos já avisaram, esse é um problema que vocês moços precisam resolver. O Brasil não tem memória e não tem respeito por ela. Porque não ter memória acontece, agora não ter respeito pela memória quer dizer que você é um velho sem memória. O Brasil é isso. O Alzheimer brasileiro está em todos os ramos. Eu sou mulher de pintor, eu vi por dentro como é. Eu cuido de literatura, ele da pintura, etc.

RF: Ela entregou os cadernos sob algum tipo de condição?

CP: Ela viu o respeito. Nós saímos da França e fomos parar no fim do mundo com um automóvel nos esperando na porta para levar a gente de volta, com o custo que era e com a ditadura que tinha. Você não brinca! Porque para fazer o livro aqui tinha polícia nas casas. A gente sabia. A gente não podia tirar as coisas do país assim. Tem toda uma história. Tinha uma mala de um terceiro até chegar aqui. Era uma obra muito importante!

RF: Carolina de Jesus chegou a sugerir algo para a capa desse livro?

CP: Ela tinha perdido um laço que liga uma coisa à outra.

RF: A senhora consegue se recordar da frase que ela disse quando entregou os originais em suas mãos?

CP: “Veja se vocês podem fazer alguma coisa com isso!”. Mas não com “isso”, mas com a obra dela. Por isso eu me sentia moralmente obrigada a ver. É

mais o desespero. Como você acredita que seja primeira versão de “L’écrole”?

RF: Esse é um dos problemas ao se trabalhar com os originais de Carolina de Jesus, pois, eles não estão datados. Porém, sei que uma versão precede o que viria a ser seu livro de contos-memórias e a outra antecede seu livro de provérbios, mas ainda irei verificar como se dá essa sequência quando tiver acesso aos textos que estão no Instituto Moreira Salles.

CP: A única coisa que eu posso garantir é que saiu da Carolina para mim e para o Instituto Moreira Salles, não teve intermediário. Ninguém mexeu, ninguém olhou. Marie Métalié editou não para fazer bondade, foi interesse, simplesmente interesse pela pobreza e pelo negro. Era para vender livros e se ela achou que podia é porque achou que ia vender. Eu estou dizendo que o texto é um texto da Carolina com a minha garantia de que peguei pedaços e a mulher traduziu isso, mais ou menos, sem poder fazer alterações, porque foi decidido isso, procurar não adaptar ao francês muito simples, mas procurar adaptar ao francês que se lê. Eu fiz uma escolha dentro do texto da Carolina. A tradutora traduziu. O Brasil comprou e retraduziu. E você vê o que é o texto de que se está falando? Aqui não teve direitos autorais do livro e se tivesse teria sido por uma causa negra. A tradutora deve ter sido paga, suponho, porque não tem cabimento. Eu fiz isso por um dever moral. Se eu tivesse jogado fora

isso não existia. Eu tenho que defender a memória do Brasil. Eu moralmente fiz uma escolha, eu assumo os erros que eu possa ter cometido na escolha. Eu fiz pelo melhor, mas é uma escolha, porque a verdadeira Carolina vocês não a têm. É isso que quero chegar - eu assumo minha escolha. E agora vocês traduzem o que era brasileiro, do francês para português? Eu não sabia que esse livro foi traduzido.

RF: Estou com a tradução aqui (mostrando o livro publicado pela Nova Fronteira). Quem optou pela divisão em capítulos de **Journal de Bitita**?

CP: Não, isso não sei se foi a Anne-Marie. Questão de tempo... não me vejo fazendo divisão de capítulos organizados. Estava contente com a publicação do livro. Pode ter sido uma discussão, com Maryvonne Lapouge também, não sei, ela passou um tempo fora de Paris, mas o olhar dela teve sua importância. Ela é uma francesa. E o tempo passou. Tudo isso conta.

RF: Quando **Quarto de despejo** foi publicado, em 1960, no Brasil, saiu uma reportagem na **Revista Math**, aqui em Paris, com 12 páginas antes do lançamento de **Le dépôt**. No Brasil houve uma compulsão pela imagem pública da “favelada que escrevia”. Gostaria de saber se antes de publicarem o **Journal de Bitita** houve uma nova preparação para o público leitor via mídia.

CP: Ela não era totalmente desconhecida e ninguém estava

interessado. Foi um esforço editorial pelo nome da Carolina e do que foi o sucesso dela que saiu esse livro, mas ninguém lia, ninguém sabia nada, nada. Um novo texto desse tamanho em jornal francês? É injusto, mas ninguém lembrava. É errado, mas ninguém lembrava! Agora, das duas versões que você me mostrou instintivamente eu prefiro uma e não a outra, mas por uma questão instintiva de quem cuida de literatura hoje, mas que prefere a Carolina menos apagada. Tem uma Carolina que quer ficar boa aluna, bem quadradinha, como manda a norma. E isso não me interessa, é a outra que me interessa.

E como vamos saber qual era uma qual, era outra já que os textos não possuem data?

RF: Talvez um caminho seria supor os diferentes graus de escrita da autora, através do próprio processo criativo porque salta aos olhos um movimento autodidático nesses cadernos. A Carolina mais corrigida, mais elaborada, começa a aparecer junto com os cadernos mais preservados, portanto, comprados e diferentes daqueles reaproveitados das lixeiras quando da escrita na favela; momento em que ela passa a ter contato com outras pessoas, questiona a gramática da língua portuguesa para Vera Eunice, que viria a se tornar professora de português; passa a aumentar sua biblioteca, como nos recorda a filha, e a possuir mais tempo para se dedicar a sua

escrita.

CP: Teve comentários de que a Carolina era uma mulher frágil. Já não era uma mulher capaz de dizer não. Não sei se algum dia ela pode dizer não, mas tenho ideia do que foi pela pobreza dela, pela origem dela. E a gente sabe o que é o Brasil. A gente sabe o que custa para uma mulher da idade dela dizer não. Ela precede a ditadura. Ela ainda é de antes. Não esqueça! Vocês confundem 60 com 70...75, 76... Sabe, eu achei que se ela tivesse de dizer alguma coisa para mim, seria uma com absoluta fragilidade. Ela era uma árvore amarga no vento ventando e qualquer lufada mais forte derrubava.

RF: Maryvonne Lapouge me disse que viu uma mulher acabada.

CP: Acabada! Exatamente. Você vê, você tem duas mulheres velhas, vindas de horizontes diferentes que dizem, com pouca diferença de tempo, uma coisa parecida. Então ela queria se salvar. Ela tinha vontade de ser publicada ainda. Era o sonho da vida dela. Na época, eu acho que só na cabeça de duas francesas e uma brasileira é que pode ter nascido a ideia de ir até o fim do mundo entrevistar a Carolina.

RF: Todas vocês tinham lido os livros dela?

CP: Sim, na nossa idade, posso dizer que fomos a geração que leu. A nossa idade permite dizer que sabia quem ela era.

RF: A senhora leu a versão em francês

ou em português?

CP: Em francês. Boa pergunta, porque para mim sempre foi **Quarto de Despejo**.

RF: Quando chegaram ao sítio, ela estava sozinha?

CP: Sozinha. A casa que nós vimos tinha um colchão meio difícil. A casa que vimos não tinha móveis. Um lugar perdido no barro.

RF: Tinha uma mesa para escrever?

CP: Tinha uma mesa para comer. Para escrever nunca! Nas suas referências da mulher que nós vimos, esqueça tudo o que ela pode ter sido. Ela sobrou o pó. Sobrou uma fragilidade e ficou em pé porque tinha uma força dentro que permitiu que vivesse e fizesse o que fez, mas essa força também tinha se desmanchado. Uma pobreza dura. Nada, nada, nada...

RF: Agradeço muito essa conversa esclarecedora e todo o trabalho que foi realizado em nome de Carolina de Jesus.

CP: Imagina.

